

EVO MORALES

1 Quando tomei café com Evo Morales pela primeira vez, ele ainda não tinha sido eleito presidente da Bolívia e eu, muito menos, havia conquistado o título de campeão mundial de xadrez. Lembro perfeitamente da situação: minha mãe estava voltando da Austrália, para onde tinha ido visitar meu irmão. Ela chegaria ao Brasil através de uma conexão na cidade de Buenos Aires. Um pouco antes do horário marcado para o desembarque, descobri que o voo da minha mãe atrasaria quase duas horas. Resolvi tomar um café para passar o tempo. No balcão, quando estava para pedir a segunda xícara, notei um tipo curioso ao meu lado.

Vestindo uma capa típica dos povos indígenas da América do Sul, um gordinho todo simpático se engraçava com a funcionária do café. Constrangida, a moça deu um jeito de desaparecer. Não restou alternativa ao conversador e, então, ele quis saber para onde eu embarcaria. Expliquei que aguardava minha mãe e, em seguida, emendei a pergunta: e o senhor, é do Peru?

Notei que ele compreendia bem o português. Não, Evo respondeu, sou boliviano. Como se adivinhasse minha curiosidade (lembro muito bem até hoje), disse que pretendia concorrer à presidência da república e tinha vindo ao Brasil reunir-se com alguns líderes dos movimentos sociais. Evo parecia especialmente impressionado com os trabalhadores sem-terra. Recordo-me de como sorri ao citar o assentamento que visitara.

Perguntei mais duas ou três coisas e depois nos despedimos. Estava na hora de Evo embarcar. Conte a história para minha mãe e ela confirmou que também sempre encontra algum maluco quando viaja de avião. As pessoas ficam mais confusas em um aeroporto.

Dois anos depois, lembro-me bem, levei um susto ao ver a imagem de Evo Morales na televisão. Meu amigo tinha se tornado o primeiro presidente indígena da história da Bolívia.

2 Cruzei com Evo Morales pela segunda vez na área de trânsito do Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris. Eu estava indo para Moscou, onde tomaria um voo doméstico com destino à pequenina Khanty-Mansiyski, para disputar a Copa do Mundo de Xadrez. Meu ilustre amigo voltava de uma reunião na França mesmo.

Evo me reconheceu. Foi ele que acenou de dentro do café, lembro-me bem. Quando entrei, depois

de felicitá-lo pela vitória na eleição, brinquei dizendo que ele tem um dos pré-requisitos fundamentais para um bom jogador de xadrez: a memória. Evo respondeu, rindo, que não sabia sequer mexer as peças. Prometi ensiná-lo no nosso próximo encontro. Meu amigo se animou e disse pretender, desde a posse, dar muito apoio ao esporte na Bolívia.

De repente, notei como eu me sentia bem na presença dele e fiquei um pouco triste. Agora, como presidente da Bolívia, o senhor só vai andar de avião exclusivo. Evo riu e me disse que a Bolívia não tem condições de manter um luxo desses. Um privilégio assim, só países como o Brasil, completou.

Meu amigo, porém, queria saber mais sobre a minha profissão. Expliquei que, muito novo, comecei a jogar xadrez por que, segunda uma psicóloga, um esporte ajudaria a resolver meu problema de timidez. Eu era muito sozinho, não conseguia me enturmar na escola e preferia passar o tempo brincando fechado no meu quarto. Se saísse para jogar, seria obrigado a manter contato com outras pessoas.

Meus pais, então, tentaram o futebol, lembro-me bem, e depois o basquete, por causa da minha altura. Foi meu avô, um imigrante libanês que enriqueceu com a venda de tecidos e a criação de várias tecelagens, que me ensinou a mexer as peças e, na mesma hora, notou meu enorme talento. Logo, comecei a ter aulas e com nove anos participei da minha primeira competição.

Evo se mostrou o tempo todo interessado na história e, quando nos despedimos, desejou-me boa sorte e disse que no próximo encontro gostaria de aprender a jogar. Acho que ele falava sério.

3 O voo até Moscou foi tranquilo. Revisei no computador algumas linhas de abertura que pretendia jogar contra o meu primeiro adversário, um jovem romeno que despontava como grande promessa mas que, naquele momento, todos sabíamos que teria grande dificuldade para me enfrentar. Eu o enxergava com muita simpatia, talvez porque ele lembrasse os meus primeiros tempos de Mestre Internacional.

Depois, no resto da viagem, dormi. Acordei com a capital russa à minha esquerda. O desembarque foi rápido e, lembro-me bem, não demorei a encontrar no saguão o treinador Mark Dvoretsky, com quem eu passaria os três dias antes de embarcar para Khanty-Mansiyski.

Mesmo sabendo que não iria encontrá-lo, a cada cinco metros eu olhava para o lado para ver se não avistava Evo Morales. Achei por duas vezes tê-lo reconhecido, mas logo depois meu engano se revelava. Latino-americanos andam por toda parte, os dois incidentes me demonstraram, até no gelado estacionamento do aeroporto Domodedovo de Moscou.

Dvoretsky notou que eu não estava disposto a conversar e, naquele inglês capenga que o torna ainda mais engraçado, apenas perguntou se eu tinha engordado. Estranhei e ele se justificou dizendo que eu parecia um pouco mais bochechudo.

Já no apartamento dele, antes de finalmente cair na cama, notei que de fato minhas bochechas tinham crescido um pouco. Não dei muita atenção, porém. No dia seguinte, Dvoretsky disse que o inchaço delas devia ser o responsável pelo notável progresso que meu xadrez tinha tido desde a nossa última sessão de treinamento. Segundo ele, minha capacidade de análise aumentara ainda mais. Seria difícil eu não vencer a Copa do Mundo. No final do dia, apesar do frio, insisti para irmos tomar café em algum lugar.

4 Evo Morales não estava no café em que Dvoretsky me levou. Abatido, resolvi me conformar e canalizar toda a minha energia para a Copa do Mundo. Seriam sete rodadas, com duas partidas cada uma.

Eu, de fato, era um dos favoritos. Tive certeza de que venceria, porém, quando fiz dois a zero no simpaticíssimo Vassily Ivanchuk, a lenda ucraniana do xadrez. Quem entende de esporte sabe que a confiança é fundamental. Os vencedores, além disso, compreendem muito bem um tipo especial de sentimento: em algum momento da competição, a gente sente que vai vencer. Com a derrota, a história é bem outra. Em todas as vezes que perdi, descobri só na hora mesmo.

Depois de Ivanchuk, passei sem muito problema por um Topalov fora de forma e enfrentei na final o armênio Levon Aronian. A primeira partida foi muito tensa. Consegui salvar um final inferior e empatamos. Na segunda, quando eu teria as peças brancas, não tive problemas para consolidar a posição e, lentamente, venci.

À noite, no hotel, mais uma vez pude confirmar que se o xadrez resolveu meu problema de sociabilidade, a solidão continuou comigo. Telefonei para a minha família, que comemorou com toda sinceridade. Minha irmã tinha visto o resultado na internet e minha mãe, que sempre fez tudo para me ajudar, chorou outra vez. Depois, mandei três ou quatro emails para o pessoal no Brasil que sempre me ajuda, atendi a ligação do Dvoretsky e, por fim, terminei sozinho.

Quando a gente se acostuma, a solidão deixa de ser triste. É uma situação como, por exemplo, sentir frio: é preciso apenas contorná-la. As pessoas experientes sabem que o ideal – é se enfiar debaixo dos cobertores até dormir ou, ao contrário, levantar e se movimentar. Quem tem tendência à depressão, porém, jamais deve usar o primeiro recurso. Não é o meu caso. Eu poderia simplesmente pegar um livro, deitar e, em pouco tempo, cairia no sono. Mas resolvi me aventurar no frio de Khanti-Mansiyski atrás de um café.

5 Khanti-Mansiyski parece uma dessas cidades russas formadas por casinhas de boneca. Tudo é muito delicado, arrumadinho e enfeitado. Dá para perceber que a população sente orgulho das ruas e se esforça para preservá-las. Por enquanto, a cidade está livre da decadência que atingiu grande parte do território russo depois do fim da União Soviética. Como não tem nada de muito importante, nenhum porto, nenhuma reserva mineral significativa e muito menos uma loca-

Jurandir

Há um tipo de desespero que acaba sempre com o homem nu e desamparado, sorvendo a fúria que ele próprio desencadeou. O velho da bomba de gasolina continuou me olhando, sorrindo com sua boca mole e triste. A coca borbullava assoviando no chão entre os meus pés. Um cheiro de xarope vinha dali. O velho balançou a cabeça, querendo dizer que aquilo era mesmo uma porcaria. Não respondi. Pedi outra coisa.

É só um pouco, eu disse, e apontei a garrafa. Quero completar isto aqui.

O casco?

Exatamente, falei. Quanto é?

Não tem nem como medir, ele disse. Me dê, e se virou para a bomba, puxou a mangueira, rindo de novo. Isso não dá nem um cruzeiro.

Parei a perua branca mais afastada da estrada, no ponto onde ela começava a descer em direção ao Recife. À direita, pela escharpa, eram pedras e tocos de pau antes de o terreno aplanar e tomar a forma de um longo partido de cana seca, montes de bagaço apinhados e, entre eles, umas poucas arvoretinhas rotas. Na verdade, arbustos de não sei que mato encaroçando a planura daquela gleba. Fiquei olhando a paisagem marcada pela queimada da entressafra, ali já tão perto da cidade.

Tirei a bolsa do carro e, de dentro dela, um lenço de pano. A tarde estava mais fresca no alto do monte. Penso nisto agora como também, naquele momento, pensava no quanto havia me afastado dos planos que fiz na juventude. Foi um grande desvio que me levou até aquele ponto. E o que aconteceu depois é difícil de relatar em uma linguagem mais ordenada. Espero que me entendam.

Fiz uma trouxinha com meu lenço, torcendo o pano até que ele entrasse pelo gargalo do casco da coca. Tirei o revólver de dentro do porta-luvas e coloquei de volta na bolsa. A perua estava em ponto-morto, virada para o declive. Olhei em redor e não vi sinal de ninguém. Liguei o motor e ele respondeu na hora. Fechei os vidros, baixei o freio de mão e saltei do assento do motorista com a bolsa a tiracolo. Acendi a trouxinha de pano embebido e a garrafa ardeu. Dei-tei essa dose no painel do carro, fechei a porta e fui para trás empurrar. A chevrolet começou a se mover estalando as pedrinhas de areia embaixo dos pneus, palmo a palmo ganhando força em direção à boca da

colina. Ia baixando tão devagar que imaginei o ridículo daquele fiasco provável. A perua parada lá embaixo com a garrafa extinta pelo embalo da descida. Mas não, adiante o carro ganhou velocidade saltitando as grotas, fazendo as rodas pularem alto e uma coluna de pó subir por trás do porta-malas, morro ao céu. De longe, o logotipo da empresa não se via mais, nem o ronco dos pneus cavando caminho entre as pedras calcinadas pela operação com a cana.

Então o carro deu aquele azar que nos toca quando de fato é chegada a hora do fim. Bateu em um monte de bagaço e levantou as rodas do lado direito. Por um momento pensei que fosse voltar a correr nos quatro pneus, mas não foi o caso. Acabou virando. Mostrou o escape e os eixos para o alto, deu com o capuz nas pedras e balançou deitada na capota, fazendo gangorra. A garrafa de coca estourou ali dentro e começou a largar uma fumaça preta, que ia se espalhando, subindo do estofamento, derretendo o painel e o forro das portas. Agora o ardor tinha pegado firme. Ouvi o estampido dos vidros enquanto as labaredas formavam uma coluna escura e retorcida, como um besouro emborcado que, na agonia de não poder mais ficar de pé, reclamasse exalando naquele fumo o espírito de toda sua amargura.

Dei as costas para o vale e tomei a estrada com a bolsa pendurada no ombro. Caminhava devagar. Devo ter andado pouco mais de meio quilômetro, baixando a rodovia rumo à capital. Com o dia quente, me postei no acostamento mostrando uma mão para fora, acenando com um polegar para cima, a outra aparando o rosto do sol. Fiquei um tempo vendo os carros e os caminhões que passavam. Quando alguém parasse, se parassem para mim, eu seguiria adiante. Talvez viesse um ônibus ou um carro de aluguel e eu continuava minha viagem. Vinte minutos mais, daria onde realmente precisava estar, e chegaria sozinho, sem contar com nada nem ninguém. Só com o desenho colorido de Minnie e a foto do rapaz queimado, a ver o que se podia realizar pelo outros e também por mim mesmo. Mas ia só, no meu próprio ritmo. Do único jeito que realmente era para eu ter deixado a comodidade de casa.

José Luiz Passos é autor do romance *Nosso grão mais fino* (Alfaguara, 2009) e *Dos ensaios Ruínas de linhas puras* (Annablume, 1998), sobre Mário de Andrade, e *O romance com pessoas* (Edusp, 2007), sobre Machado de Assis. O trecho reproduzido faz parte de um romance que será publicado pela Editora AlfaGua.